

## **Rrrockorama: Jornalismo Cultural e Rock Independente no Pará**

Por Kamilla Vulcão\*

### **Resumo:**

A “Rrrockorama” é um projeto de comunicação baseada no modelo de mídia eletrônica, em formato de revista. Tomando como norte a idéia de que os meios impressos encontram-se em vias de se extinguir, o modelo eletrônico que vem ganhando força permite ao leitor a sensação de folhear uma revista sem necessariamente tê-la em mãos. O projeto visa disponibilizar este conteúdo através do site <http://www.issuu.com> com conteúdo produzido pela autora em parceria com os jornalistas Thiago Viana e Alexandre Nascimento. Como meio de comunicação, a revista verte para o jornalismo cultural com o objetivo de promover o intercâmbio de informações, divulgação, troca de idéias, comentários, críticas e releases sobre o que se tem produzido enquanto rock independente no Pará. Se a modernidade nos trouxe a facilidade, hibridez e descentralização da internet, então é mais que natural nos apropriarmos dela em favor de idéias que suscitem novas formas de fazer jornalismo. E se uma das propostas principais do jornalismo cultural é a divulgação e até perpetuação dessa cultura, então, faz-se necessário que haja um espaço onde essa produção cultural possa ser exposta.

A proposta deste trabalho é então, aliar ferramentas e idéias na forma de uma revista eletrônica que valorize a produção musical de rock independente no Pará, dando visibilidade e criando uma mídia dentro do ciberespaço que possibilite um debate crítico sobre essa criação e que favoreça e fomente o debate sobre o que está sendo produzido no Pará em termos de rock independente e da música livre.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural; Jornalismo 2.0; rock independente; revista eletrônica; internet.

### **Abstract**

The “Rrrockorama” is a communication project in magazine format based on the electronic media model. Heading the idea that print media are fading, the electronic media becomes a powerful tool since it allows the readers the feeling of browsing a magazine even if it is not printed. The contents of the project, produced by the authors and two more journalists, will be available at the site <http://www.issuu.com>.

\*Kamilla Thaís Vulcão da Silva é estudante de graduação do 8º semestre de Comunicação Social – habilitação Jornalismo da Universidade da Amazônia – UNAMA de Belém – PA

As a means of communication, the magazine sheds for cultural journalism in order to promote the exchange of information, dissemination, exchange of ideas, comments, criticisms and releases about what has been produced as independent rock in the state of Pará-Brazil

If modernity brought us the facility, hybridity and decentralization of the internet then it is natural to appropriate it in favor of ideas that give rise to new ways of doing journalism. The main purpose of cultural journalism is the dissemination and perpetuation of this culture so it is necessary a space where cultural production could be exposed.

The propose of this work is get together tools and ideas formatted in electronic magazine which enriches and gives visibility the independent rock music production in Pará. Also, it creates a media inside the cyberspace that allows a critical debate which supports the rock independent scene in the state.

Keywords: Cultural Journalism, Journalism 2.0, Independent Rock, Electronic Journal, Internet.

## **Introdução**

O que se entende e o que se capta hoje sobre a cobertura feita pela mídia do que conhecemos por cultura, sobre a diversidade de povos e suas respectivas maneiras 'de ser' é que, cada vez mais, a superficialidade com que meios comunicacionais lidam com essas manifestações atualmente aflora, em determinados sujeitos, uma necessidade em conhecer e aprofundar a origem desses manifestos, no entanto, com as editorias de cultura (principalmente no meio impresso) esses assuntos hoje são apenas apresentados de forma superficial, enquanto o debate e a crítica que contempla o trabalho de análise assim como o *feedback* tendem a se restringir principalmente aos campos da internet, como blogs especializados, fóruns e sites.

Inicialmente elevada à condição principal de mais difundida manifestação cultural no Brasil, a produção musical massiva atualmente conta com a pouca (ou a falta de) qualidade literária e de incentivos (não necessariamente financeiros) estatais. Uma vez que, em outras épocas, temos conhecimento da promoção de festivais e concursos musicais como o Festival da Canção, que revelou grandes nomes da MPB e que valorizavam e divulgavam essa manifestação cultural em âmbito nacional.

Há cerca de pelo menos quatro anos (que na verdade é bem mais que isso) nota-se em Belém uma mudança na forma em como a sociedade aceita e consome o rock independente, aquilo que no início era tido como uma resposta rebelde aos pensamentos e dúvidas de jovens nas décadas de 50 e 60, hoje é tido como algo natural e não tão rebelde. O rock foi re-socializado e hoje habita as mais variadas camadas sociais, assim como já possui em alguns casos, lugares certos para ser visto e consumido.

Filhos desse modelo ‘artístico’ que é carente de meios de comunicação dispostos a divulgar o trabalho vindo da ‘garagem de casa’, o rock independente no Pará têm hoje inúmeros adeptos, bandas e artistas que cansaram de esperar pelo reconhecimento da grande mídia e resolveram sair do *underground*. A grande máxima desses artistas é o *Do It Yourself*, ou, ‘Faça Você Mesmo’ que agrega ao artista a versatilidade e multifuncionalidade na preparação, gravação, divulgação e marketing dos trabalhos que primam pela autoralidade, sem deixar de levar em consideração as influências que vão desde conceitos industrializados como o Rockandroll até os mais regionalistas como a guitarrada, carimbo e o tecnobrega.

É comum hoje encontrarmos perfis das bandas e artistas em sites que disponibilizam na internet suas músicas e álbuns de maneira gratuita como o MySpace, PureVolume, os nacionais TramaVirtual e ConexãoVivo e o local Belrock, numa tentativa de fazer com que esse conteúdo chegue o mais rápido e ao máximo de pessoas possíveis.

O jornalismo cultural no Pará flerta com a música independente há algum tempo, e o rock, principalmente, tem se mostrado um movimento crescente no estado. É possível que você encontre, por exemplo, na edição do próximo domingo do jornal ‘Diário do Pará’ uma matéria de bom tamanho falando sobre alguma banda local ou sobre a movimentação desses agentes cultural e produtores de eventos que suscite nesse ponto onde já é perceptível a mudança. Em locais como São Paulo, Curitiba, Cuiabá e Goiânia, esse tipo de divulgação já acontece, em revistas como Noise, Bizz, O Grito! e Rolling Stones, porém sempre no formato impresso ou site.

Este trabalho se propõe a criar, a partir da análise da relação entre jornalismo cultural e a música independente, mais precisamente o rock no Pará, uma revista nos moldes de grandes publicações como as acima citadas. A revista intitulada “Rrrockorama”, no entanto, inova

quanto ao seu formato eletrônico que permite ao leitor acessá-la de qualquer parte do mundo mas matem a idéia de material impresso de folhear, sem precisar de papel para isso.

## **Parte I**

### **Justificativa**

No início do mês de Maio de 2010, a Revista Cult promoveu a segunda edição do Congresso de Jornalismo Cultural no qual uma das mais importantes questões levantadas foi se “*O jornalismo cultural tem condições de debater a complexidade das manifestações culturais contemporâneas e produzir reflexões consistentes sobre elas?*”. Compunha a mesa Daniel Piza (Editor-executivo e colunista do jornal ‘O Estado de S. Paulo’, autor do livro “Jornalismo Cultural”, 2003), Danilo Santos de Miranda (Diretor do SESC-SP) e Marcos Flamínio (Editor do caderno Mais! da Folha de São Paulo), e uma das conclusões dessa discussão foi justamente a de que, embora os modelos, meios e veículos de comunicação no Brasil ainda estejam engatinhando nesse pensar e forma de fazer do jornalismo cultural, é inegável a grandiosidade e o pluralismo das manifestações culturais e folclóricas no país, e, portanto um campo muito vasto a ser explorado de forma crítica e aprofundada pelo jornalismo cultural.

Essa afirmação é, num momento em que o jornalismo formador de opinião está desacreditado, uma alavanca para suscitar novas idéias que possam colaborar para que o tão falado jornalismo cultural saia do fardo de caderno de ‘cultura e comportamento’ comum aos jornais impressos com grandes tiragens e público, da condição de pautas frias que transitam nas redações e da idéia única e exclusiva de entretenimento, afinal o termo cultura expressa a singularidade de cada povo e engloba inúmeras características.

### **Jornalismo cultural no Pará: Onde está Wally?**

Do ponto de vista da observância, pois ainda não existem estudos locais que contemplem a prática do jornalismo cultural, a primeira afirmação que podemos fazer é a de que esta vertente do jornalismo ainda é pouco explorada nas editorias de jornais e revistas com maior alcance do público em geral.

Essa afirmação retira então o jornalismo cultural local da inexistência, e o coloca numa categoria de subvida ou de recém-chegado. Mas há de se conceder os louros dessa vitória principalmente ao “agendamento” que as temáticas ligadas às produções e promoções culturais passaram a ter dentro das redações. Esse agendamento parte de uma nova forma de fomento dessa cultura, coincidentemente a independente, que é a mais viável numa região pouco favorecida de incentivos, sejam estatais ou privados

Eis então, onde o jornalismo cultural do Pará e o independente se cruzam: O *underground*. Fazer jornalismo cultural no Pará é sim transitar no ‘subterrâneo’. Ainda que tenha sido preciso re-educar a população consumidora dos jornais “Diário do Pará” e “O Liberal” para que a cultura dos paraenses pudesse ser colocada nas capas dos cadernos “Você” e “Magazine” de forma mais aprofundada (mesmo que não nos moldes do idealizado jornalismo cultural), nota-se que o comum nesses cadernos é que apenas uma ou duas matéria seja de destaque local, e as restantes, notícias nacionais e internacionais que são publicadas originalmente no jornal O Globo e FolhaPress.

Mas é preciso esclarecer que, embora o jornalismo cultural no Pará exista e seja feito, ainda não possui forças para ser identificado e reconhecido, assim como para ter autonomia. Os cadernos citados acima são na verdade cadernos de “Entretenimento” que incluem notícias sobre artes em geral, mas principalmente do colunismo social. É possível observar que nem sempre as notícias divulgadas sejam locais, no entanto o espaço reservado aos influentes da sociedade sempre estão preenchidos com a divulgação de eventos que, em sua maioria não são freqüentados por grande parte da população paraense. Esse tipo de prática do jornalismo cultural também se estende e é freqüente em outras mídias como rádios (salvo Diário FM, Cultura e Rádio Unama, que contemplam suas programações com programas considerados *cult*, como documentários e afins, mas que não transitam entre as mais ouvidas), programas de tv e revistas produzidas no Estado do Pará.

Para responder a pergunta título deste capítulo deslocamos o campo de observação para a internet, onde se pode encontrar a grande maioria da produção jornalística cultural do Pará, talvez por ser um campo neutro ou por permitir uma maior liberdade de criação, sem as amarras que comumente afetam a imparcialidade em grandes redações. Principalmente no formato de blogs, esses jornalistas fomentam através de seus *posts* a discussão e o debate

sobre assuntos como cinema, música e literatura, bem como exercitam a máxima jornalística repudiada por Pierre Bordieu, de formadores ou influenciadores da chamada opinião pública.

## **O rock Paraoara - Do *Underground* ao Independente**

### **De Onde Vim**

O cenário musical do Pará nunca foi lá muito aberto às produções mais pesadas do rock, desde seus primeiros registros, em meados de 80, esse estilo musical sofreu preconceitos da sociedade paraense, a falta de identificação ou *link* com a cultura local dificultou a abertura das portas para que as bandas insurgentes ao regionalismo característico do Carimbó e do Brega alcançassem um grande público e até mesmo divulgassem seu trabalho.

Em seu livro “*Decibéis Sobre Mangueiras*” o jornalista Ismael Machado conta por meio de suas experiências uma importante parte da história do rock paraense na década de 80, acompanhando o surgimento de bandas como *Stress* (primeira banda de heavy metal do Brasil, genuinamente paraense) e *Delinquentes*, ambas ainda em atividade. Em seus registros Ismael divide com o leitor sua vivência na década em que o rock nascia na sempre atrasada Belém, enquanto o resto do mundo curtia a *New Wave*, mais um motivo para que o visual rebelde e as letras agressivas fossem marginalizadas, razão pela qual a banda de *Hardcore* optou denominar-se “*Delinquentes*”.

A rigor, o termo *Underground* é definido como adjetivo para designar a movimentos clandestinos e geralmente subversivos contrários aos modismos ou aquilo que transita pela grande mídia, o *Mainstream*. O *underground* então se instalou não só no subterrâneo, mas também no subconsciente criando um submundo na tão falada cena musical do Pará.

### **Para Onde Vou**

Por mais que seja uma idéia antiga, a figura de um “Mecenas” é, ou foi, a melhor saída para os que habitavam e ainda habitam o *underground*. Acontece que de fato existe uma figura que muito bem representa esse papel no cenário ora *underground* do Pará, o empresário Ná Figueredo também é personagem da história do rock ‘papa chibé’ (assim como o jornalista Ismael Machado) e teve sua parcela de culpa na mudança da configuração de *underground* para independente no cenário rock local. Criador de projetos como o “Ensaio Aberto” e selo

“Ná Music”, ele abriu o ‘fundão’ de sua loja (adaptado e equipado para um mini-auditório) e desde 1999 apóia e incentiva a circulação da cultura rock do Pará.

Iniciativas como as de Ná Figueredo foram acontecendo em consequência ao surgimento de bandas e à conscientização das mesmas enquanto do pensamento de quererem se ‘profissionalizar’. A partir dessa idéia de não ser mais a banda de garagem e passatempo, esses músicos partiram para o “*Do it yourself*”, desde a gravação até a divulgação de músicas, clips, vídeos eletrônicos, criação de sites ou perfis de relacionamento, com o objetivo de trazer o público ao alcance da banda.

O underground não é mais o mesmo há algum tempo, o conceito caiu quando as bandas, não apenas as do Pará, mudaram a forma de atuar e cativar o público, o subterrâneo não é mais o que seduz, mas sim o hibridismo entre o *cult* e o *cool*.

## **Parte II**

### **Metodologia Para a Criação da Revista**

#### **. Objetivos**

O objetivo geral deste projeto é promover o intercâmbio de informações, divulgação, troca de idéias, comentários, críticas e releases sobre o que se tem produzido enquanto música independente no Pará. Este objetivo será almejado por meio de uma revista denominada “Rrrockorama”, disponibilizada através do site <http://www.issuu.com> com conteúdo produzido pela autora e colaborações em parceria com os jornalistas: Amanda Aguiar, Livia Medina, Sidney Filho, Marcelo Damaso, Thiago Viana e Alexandre Nascimento.

São objetivos específicos desse projeto:

- Analisar a produção cultural do rock independente no Pará;
- Pesquisar diferentes revistas eletrônicas de cunho musical que divulguem as produções do rock independente;
- Analisar a qualidade das produções musicais nas diferentes revistas eletrônicas;
- Criar a revista “Rrrockorama”.



## Metodologia

O desenvolvimento desta pesquisa dar-se-á a partir da leitura e análise de livros, artigos, ensaios, entrevistas e pesquisa de campo que privilegie bibliografia acerca das temáticas: Jornalismo Cultural, Web Jornalismo e Música Independente. Inicialmente serão analisados os livros de Daniel Piza (*Jornalismo Cultural*, 2003), que será a base para a análise da produção jornalística cultural do trabalho proposto.

Também fazem parte das referências bibliográfica os artigos que compreendem a análise do jornalismo cultural tendo como vertente a música (rock) independente, que são o artigo de Thiago Viana (*Eu Sou Mais Underground que Você: O poder da mídia eletrônica na redefinição do conceito de underground na cena musical de Belém*, 2008), Thiago Soares (*Jornalismo Cultural em Tempos de Cultura Líquida*), Ricardo Santiago Corrêa (*Jornalismo Cultural na Internet e Música Independente: Condições, Convicções e Convergências*, 2008) e complementa o livro de Ismael Machado (*Decibéis Sob Mangueiras: Belém no cenário rock Brasil dos anos 80*, 2004).

O segundo momento do trabalho se dá através de pesquisa de campo e entrevista com os produtores Marcelo Damaso, Sandro Barradas e o empresário Ná Figueredo. Também será entrevistada a banda Delinquentes, O objetivo é compreender como funciona o cenário independente local, assim como o fluxo de informações que é gerado e o que é de fato noticiado.

No âmbito da produção jornalística cultural na internet serão entrevistados os jornalistas Ângelo Cavalcante, Sidney Filho e Elielton Amador, referências locais e nacionais dessa vertente jornalística que utilizam principalmente a internet como mídia de divulgação, discussão e crítica sobre o rock independente, assim como analisadas as revistas “O Grito!”, “*Rolling Stones*” e “*Noise*”, que são disponibilizadas em formatos eletrônicos.

Após análise e fichamento dos livros, entrevistas e revistas será criada a revista Rrrockorama, inicialmente com a produção de uma pauta com conteúdo baseado nos fatos e acontecimentos mais relevantes experienciados pela autora e por seus colaboradores.

O segundo passo será a produção de um layout, que utilizando o programa In Design do Adobe, baseados nos conceitos aprendidos na disciplina “Planejamento Gráfico”.

Quando finalizado o layout da revista, ajustando o conteúdo de acordo com os conceitos do planejamento gráfico, o último passo é disponibilizá-la no site “Issuu” no formato pdf. Este site permite que o material postado seja visualizado como se fosse uma revista impressa, com páginas que podem ser folheadas e dá inclusive impressão de ter a textura de um papel couchê, com brilho.

## Referências

CORRÊA, Ricardo Santiago. **Jornalismo Cultural na Internet e Música Independente: Condições, Convicções e Convergências.** Artigo Científico publicado em: <http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?id=672&llengua=po>, 2006.

MACHADO, Ismael. **Decibéis sob mangueiras:** Belém no cenário rock Brasil dos anos 80. Belém: Editora Grafinoite, 2004.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** São Paulo: Editora Contexto, 2003

SOARES, Thiago. **Jornalismo Cultural em Tempos de Cultura Líquida.** Artigo Científico publicado em: <http://www.itaucultural.org.br/rumos/thiago.pdf>

VIANA, Thiago. **Eu Sou Mais Underground que Você:** O poder da mídia eletrônica na redefinição do conceito de underground na cena musical de Belém. Belém: Trabalho de Conclusão de Curso, Unama, 2008.